Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação

ECOS DE UMA EPISTEME INTERDITA: ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO E A ORGANIZAÇÃO REDENTORA DO CONHECIMENTO – UM LOUCO DESEJO[1]

ECHOES OF A FORBIDDEN EPISTEMOLOGY: ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO AND THE REDEMPTIVE ORGANIZATION OF KNOWLEDGE – A MAD DESIRE

ECOS DE UNA EPISTEME INTERDICTA: ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO Y LA ORGANIZACIÓN REDENTORA DEL CONOCIMIENTO – UN LOCO DESEO

Vinícios Souza de Menezes[2]
Pollyana dos Santos Biano[3]

Submetido em: 13/03/2026
Aprovado em: 18/03/2026
Publicado em: 21/03/2026

Artigo submetido ao sistema de similaridade turnitin

[1] Esse artigo foi submetido, avaliado, aprovado, apresentado e premiado com o 1º Lugar entre os Trabalhos Completos do GT1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação no XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XXV ENANCIB) em 2025.

[2] Doutor em Ciência da Informação. Universidade Federal de Sergipe. Email: menezes.vinicios@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4511-4477.
[3] Mestranda em Ciência da Informação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: pollyanabiano@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0009-0003-1819-5002.

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Resumo: a partir do desejo de redenção que atravessa toda a classificação de Arthur Bispo do Rosário, o texto aborda o tema da interdição da episteme da loucura e sua interlocução com a organização do conhecimento. De perspectiva mística, a classificação do artista sergipano é apresentada tendo em vista a epifania que o acometeu na véspera do Natal de 1938 e o legou a tarefa de "representar toda a vida na Terra". A pergunta de partida é: fundado na desrazão, na desorientação linguística e na redenção humana, como, ao inventariar o mundo, Arthur Bispo do Rosário (re)classifica-o e (re)ordena-o informacionalmente para o seu fim? O objetivo geral do texto é investigar como Arthur Bispo do Rosário orientava-se através de procedimentos epistêmicos de inventariamento para a construção da sua Organização Redentora do Conhecimento (ORC). A metodologia é natureza qualitativa e exploratória, perante a escassez de literatura no campo sobre o assunto. Os métodos de coleta são os oriundos da documentação indireta, em específico, as pesquisas bibliográfica e documental. Como resultado, argumentamos que a abordagem pragmático-teológica da ORC de Arthur Bispo do Rosário apresenta-se como um *phármakon,* uma escritura marcada pela ambiguidade da vida, em suas privações e recomposições criativo-desejantes. Ao final, sugerimos que o ato classificatório de Arthur Bispo do Rosário pode ser lido como uma força epistêmica de transformação para os estudos informacionais: um delírio do verbo informar.

Palavras-Chave: epistemologia; classificação; Organização do Conhecimento; Organização Redentora do Conhecimento; Arthur Bispo do Rosário.

Abstract: *Driven by the desire for redemption that permeates Arthur Bispo do Rosário's entire classification, this text addresses the interdiction of the episteme of madness and its dialogue with the organization of knowledge. From a mystical perspective, the classification developed by the artist from Sergipe is presented in light of the epiphany he experienced on Christmas Eve 1938, which bequeathed to him the task of "representing all life on Earth." The starting question is: founded on unreason, linguistic disorientation, and human redemption, how does Arthur Bispo do Rosário—by inventorying the world—(re)classify and (re)order it informationally for his own ends? The general objective of this paper is to investigate how Arthur Bispo do Rosário oriented himself through epistemic inventorying procedures toward the construction of his Redemptive Organization of Knowledge (ROK). The methodology is qualitative and exploratory in nature, given the scarcity of literature on the subject within the field. The collection methods are derived from indirect documentation, specifically bibliographic and documentary research. As a result, we argue that the pragmatic-theological approach of Bispo do Rosário's ROK presents itself as a pharmakon: a writing marked by the ambiguity of life, its privations, and its creative-desiring recompositions. Finally, we suggest that Bispo do Rosário's classificatory act can be read as an epistemic force of transformation for information studies: a delirium of the verb to inform.*

Keywords: *epistemology; classification; Knowledge Organization; Redemptive Organization of Knowledge; Arthur Bispo do Rosário.*

***Resumen**: A partir del deseo de redención que atraviesa toda la clasificación de Arthur Bispo do Rosário, el texto aborda el tema de la interdicción de la episteme de la locura y su interlocución con la organización del conocimiento. Desde una perspectiva mística, la clasificación del artista sergipano se presenta considerando la epifanía que le sobrevino en la víspera de Navidad de 1938 y que le legó la tarea de "representar toda la vida en la Tierra". La pregunta de partida es: fundado en la sinrazón, en la desorientación lingüística y en la redención humana, ¿cómo, al inventariar el mundo, Arthur Bispo do Rosário lo (re)clasifica y lo (re)ordena informacionalmente para su fin? El objetivo general del texto es investigar cómo Bispo do Rosário se orientaba a través de procedimientos epistémicos de inventario para la construcción de su Organización Redentora del Conocimiento (ORC). La metodología es de naturaleza cualitativa y exploratoria, ante la escasez de literatura en el campo sobre el asunto. Los métodos de recolección son los derivados de la documentación indirecta, específicamente, las investigaciones bibliográfica y documental. Como resultado, argumentamos que el enfoque pragmático-teológico de la ORC de Arthur Bispo do Rosário se presenta como un phármakon, una escritura marcada por la ambigüedad de la vida, en sus privaciones y recomposiciones creativo-deseantes. Al finalizar, sugerimos que el acto clasificatorio de Bispo do Rosário puede ser leído como una fuerza epistémica de transformación para los estudios informacionales: un delirio del verbo informar.*

***Palabras clave**: epistemología; clasificación; Organización del Conocimiento; Organización Redentora del Conocimiento; Arthur Bispo do Rosário.*

1 INTRODUÇÃO: UM LOUCO DESEJO NUM LABIRINTO DE SERGIPANIDADES

> Os doentes mentais são como beija-flores, nunca pousam, ficam a dois metros do chão
> Arthur Bispo do Rosário (*apud* Campos, 2016, p. 82).

O texto parte de uma heterodoxia antimanicomial, notavelmente brasileira: agenciar-se com a subjetividade e o pensamento informe da pessoa classificada como louca. Não intentamos tecer reflexões éticas sobre a representação da loucura. O olhar informacional e a mística das mãos de Arthur Bispo do Rosário são os objetos deste trabalho. Arthur Bispo do Rosário foi um contemporâneo brasileiro, negro, nordestino, filho de ex-escravizados, que bordou com as trevas

do seu tempo, as crenças de um caminho para a redenção da humanidade. Em seu delírio missionário, moveu-se através de um louco desejo: classificar e catalogar todas as existências mundanas para a expiação no dia do juízo final. O produto deste desejo foi um inventário dissidente orquestrado transcendentalmente por uma Organização Redentora do Conhecimento (ORC) baseada, seminalmente, num labirinto de sergipanidades fabricado em Japaratuba (Sergipe), local onde nasceu e viveu até a adolescência, em meio aos campos de cana de açúcar, casas de farinha, quilombos, candomblés nagôs, Festas de Reis, Cheganças e festas populares (Campos, 2016). Essas empirias ornamentaram as suas práticas artísticas, teorizadas por terceiros, visto que o próprio Rosário (*apud* Cabañas, 2018, p. 48) afirmava: "Não sou artista".

O louco desejo de redenção germinado no celeiro intercultural de Japaratuba e amadurecido no Rio de Janeiro, tem por característica a negatividade. Antagônico aos traços racionais da consciência, o desejo em Bispo é produto de uma proibição fundadora – o pecado original –, ou seja, "o desejo é a expressão de um anseio de retorno à origem que, acaso recuperada, exigiria a dissolução do próprio sujeito" (Peixoto Junior, 2004, p. 111). Inventariar o mundo através de uma Organização Redentora do Conhecimento é o *páthos* cultural de Bispo do Rosário – uma busca pela satisfação última (o Absoluto): negar a vida mundana, transcender e apresentar-se a Deus, restituindo ao Reino dos Céus todas as existências sujeitadas às leis proibitivas da Terra. Este foi o desejo de Bispo. Entretanto, a equivocidade dos seus feitos reverberou outros efeitos desejantes.

Um desejo produtivo gerador de vida, incontido nas regras

eidéticas da objetividade racional, é um dos efeitos positivos provocados pela transgressão criadora do trabalho de Bispo do Rosário (Cabañas, 2018; Campos, 2016; Maciel, 2009; Morais, 2013). Ao abalar a lógica taxonômica de um universo classificatório exato, com o transbordamento de sentidos de um saber não legitimado socialmente e fora da ordem canônica da cultura,

> [...] pode-se afirmar que a enciclopédia de Bispo incorpora o que os enciclopedistas franceses excluíram de seu projeto com o propósito de torná-lo exequível: as redundâncias, os restos, os saberes e coisas inclassificáveis, a matéria-prima da experiência vital, enfim, tudo o que poderia ser colocado sob o rótulo abrangente e impreciso do '*et cetera*' (Maciel, 2009, p. 37).

Sob o contraste desta paisagem teleológica do conhecimento, apresentamos a perspectiva da classificação de Arthur Bispo do Rosário como uma tentativa epistêmica menor de redenção humana através do conhecimento material, tão caro aos campos da Bibliologia, da Bibliografia, da Biblioteconomia, da Arquivologia, da Documentação, da Museologia e da Ciência da Informação. Com traços de semelhanças com a tarefa inventariante dos enciclopedistas (Maciel, 2009) e com a ideia do controle bibliográfico universal que derivou no projeto de Documentação de Paul Otlet (2018), o homem que quis catalogar/classificar o mundo (Wright, 2014), esse estudo parte da seguinte pergunta: fundado na desrazão, na desorientação linguística e na redenção humana, como, ao inventariar o mundo, Arthur Bispo do Rosário (re)classifica-o e (re)ordena-o informacionalmente para o seu fim?

O objetivo geral é investigar como Arthur Bispo do Rosário orientava-se através de procedimentos enciclopédicos e epistêmicos

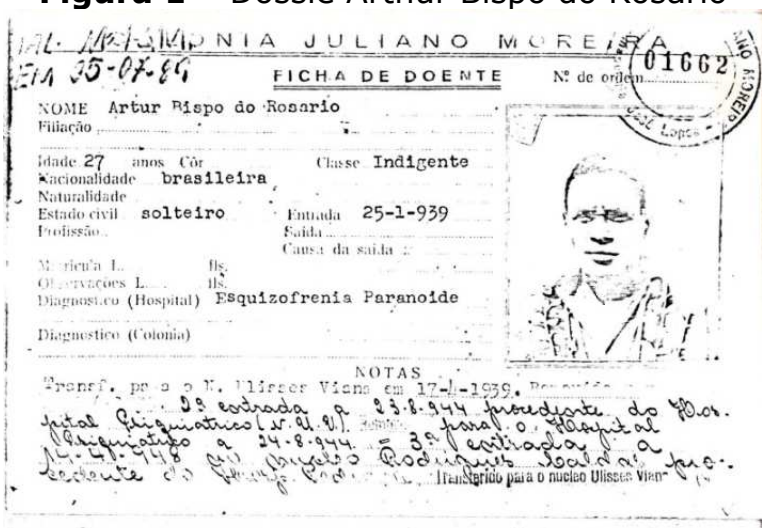
de inventariamento, típicos da Ciência da Informação e da Organização do Conhecimento, para a realização do seu projeto místico de restituição do mundo e redenção humana. Como objetivos específicos, destacamos as ações operacionais de: i) apresentar a materialidade do pensamento de Arthur Bispo do Rosário; e, ii) cartografar os seus elementos de organização do conhecimento. Diante de um vasto catálogo de mais de 1000 itens, selecionamos episodicamente a "obra": "Atenção: Veneno". Esses elementos reúnem as dimensões analíticas dessa pesquisa, orientada pela tensão clássica entre as dinâmicas do desejo e dos quereres presentes na Organização Redentora do Conhecimento de Arthur Bispo do Rosário e as regularidades objetivas das atribuições conceituais da razão presentes nos fundamentos tradicionais da Organização do Conhecimento (Dahlberg, 1993, 2006).

Este artigo justifica-se por sua inovação e originalidade no campo da Ciência da Informação. Em uma busca ampla pelo termo "Arthur Bispo do Rosário" na Base de Dados da Ciência da Informação (Brapci), nos mais de 71.181 arquivos da base, entre os anos de 1963 e 2025, apenas um resultado foi encontrado. Entre os 5.569.854 documentos indexados no Portal Oasisbr, o termo "Arthur Bispo do Rosário" quando pesquisado em todos os campos (título, autor, assunto), há uma recuperação de 128 documentos, nenhum da Ciência da Informação. No Portal de Periódicos da Capes, nas 74 bases referidas ao campo temático da Ciência da Informação, quando buscado o nome próprio "Arthur Bispo do Rosário", nenhum resultado é recuperado. Todas as buscas foram realizadas em 24 de maio de 2025. Esse cenário da literatura científica do campo nos leva

a concluir que este estudo interpela uma lacuna de pesquisa na Ciência da Informação, demonstrando, portanto, a relevância geral e a pertinência específica dessa comunicação.

As dificuldades metodológicas do estudo se apresentaram perante os mistérios do mundo de Bispo e sua descreditada autoridade epistêmica de sujeito alienado, aspectos caracterizadores da baixa densidade documental produzida por ele, sem porta-vozes mediadores. Classificados como "improdutivos", os alienados eram tidos como sujeitos sem enunciação, o que se reflete no léxico, nos predicados e nas atribuições da linguagem excluída da loucura inscrita nos arquivos do silêncio dos "homens infames": "insensatos", "imbecis", "dementes", "violentos", "furiosos", "libertinos", "obstinados" (Foucault, 2006, p. 203; Foucault, 1999, p. 195). O que temos sobre Bispo do Rosário é, em grande parte, a letra da sociedade tutelando e tecendo as tramas da indigência da sua loucura.

Figura 1 – Dossiê Arthur Bispo do Rosário



Fonte: Museu de Arte do Rio Grande do Sul (2025).

Portanto, a metodologia da pesquisa se caracterizou pela natureza qualitativa, tendo por objetivo interpretar os fenômenos estudados, sem derivar em quantificações. Essa é uma pesquisa exploratória, perante a escassez de literatura no campo sobre o assunto. Os métodos de coleta foram os oriundos da documentação indireta, em específico, as pesquisas bibliográfica e documental (Marconi; Lakatos, 2007).

2 MEMÓRIAS DO SUBSOLO DO MUNDO: BISPO DO ROSÁRIO E O DIA DEPOIS DE AMANHÃ

> Desculpai-me, senhores, por ter-me enredado em filosofias; isto se deu por causa dos meus quarenta anos de subsolo! Permiti-me fantasiar um pouco. Pensai no seguinte: a razão, meus senhores, é coisa boa, não há dúvida, mas razão é só razão e satisfaz apenas a capacidade racional do homem, enquanto o ato de querer [desejo] constitui a manifestação de toda a vida, isto é, de toda a vida humana, com a razão e com todo o coçar-se
>
> Fiodor Dostoiévski (2009, p. 41).

22 de dezembro de 1938. O dia em que a terra parou ante os olhos de Arthur Bispo do Rosário. O real rompeu seu tecido telúrico e uma epifania divina recobriu a sua vida, revelando-lhe angelicamente a sua missão: apresentar-se como Jesus Cristo[4] para o mundo decadente dos humanos. Às vésperas da celebração do advento do menino Jesus, no ano de 1938, Arthur Bispo do Rosário teve a sua subjetividade fraturada pelo esplendor sublime da mística cristã, conforme retratado em seu estandarte, denominado postumamente[5] como "Eu preciso destas palavras. Escrita (1967–

[4] O "novo Messias" divino ou humano é uma máscara (*persona*) que figura em muitos delírios de pacientes psiquiátricos, como demonstrou Murat (2012).
[5] "[...] Bispo do Rosário não dava título às suas obras. Tampouco as datava e assinava" (Morais, 2013, p. 26).

1974)" por Frederico Morais (2013), crítico de arte e "construtor" da ideia de Arthur Bispo do Rosário como artista contemporâneo.

Figura 2 – Estandarte "Eu preciso destas palavras. Escrita (1967-1974)".

Fonte: Coleção Museu Arthur Bispo do Rosário Arte Contemporânea (Cabañas, 2018, p. 50).

O estandarte acima representa a radicalidade do pensamento de Bispo em sua linguagem esotérica e subjetividade cindida: ao lado esquerdo, no tom azul das vestes e lençóis dos internos, as palavras bordadas se desdobram através de duas instituições clássicas da razão ocidental – a ordem alfabética e a lista, instrumentos simbólicos da razão bibliográfica em sua luta pela "domesticação da mente selvagem" (Goody, 2012); do lado direito, a linguagem de uma episteme interdita manifesta-se em suas "palavras imperfeitas, sem sintaxe fixa, um tanto balbuciantes, nas quais fazia a troca entre a loucura e a razão" (Foucault, 1999, p. 141), narrando a sua anunciação:

> 22 DEZEMBRO 1938 MEIA NOITE ACOMPANHADO POR 7 ANJOS EM NUVES ESPECIAS FORMA ESTEIRA MIM DEIXARAM

> NA CASA NOS FUNDO MURRADO RUA SÃO CLEMENTE 301 BOTAFOGO ENTRE AS RUAS DAS PALMEIRAS E MATRIZ EU COM LANCA NAS MÃO NESTA NUVES ESPIRITO MALISIMO NÃO PENETRARA AS 11 HORAS ANTES DE IR AO CENTRO DA CIDADE NA RUA PRIMEIRO DE MARÇO PRAÇA 15 EU FIZ ORAÇÃO DO CLEDO NO CORREDOR PERTO DA PORTA VEIO MIM UMBERTO MAGALHAES LEONI ADVOGADO MESTRE PARA ONDE EU IA PERGUNTOU EU VOU MIM APRESENTAR NA IGREJA DA CANDELARIA ESTA FOI MINHA RESPOSTA EU ABRIR A PORTA LADO LESTE UM JARDIM FLORES VARAS CORES AO 7 METROS DE FRENTE UM PORTÃO DE 2 METROS DE ALTURA DE FERRO LADO ESQUERDA COM SEUS GRADEADO TODAS DE PONTA LANÇA UM METRO E VINTE ALTURA 10 ESPACOS UMA POLEGADA SOBRE UMA PILATRA DE 60 CITIMETROS DE CIMENTO PISO DE LADO ESQUERDA 70 LARGURA ATÉ PORTÃO EU FIQUEI NA CALÇADA ESPERANDO NO PONTO DE PARADA FICA ENFRENTE NUMERO 301 BONDE JARDIM LEBLO TOMEI ESTA CONDUÇÃO JA NO FIM DESTA RUA AOS 10 MINUTOS FEZ CURVA PARA LADO ESQUERDA SEQUE VIAGEM PELA PRAIA DE BOTAFOGO RUA SENADOR VERGUEIRO EM SUA VELOCIDADE NORMAL VAI PELO CENTRO QUASE NO FIM UM PEQUENO QUARTERÃO FAZ CURVA PARA DIREITA NESTA RUA DE ESQUINA OBSERVO UMA EMBAIXADA CURVA A ESQUERDA ENTRA NA PRAIA DO FLAMENGO LOGO OBSERVEI QUE É OS FUNDOS DO PALACIO DO CATETE SEDE DE SUA EXCELENCIA PRESIDENTE ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL UM PORTÃO DE FERRO LARGO COM SUAS GRADES DE PONTA DE LANÇAS SOBRE PILATRAS DE PEDRA AOS 2 METROS DE ALTURA PODE SER MAIS -100 DISTANCIA UM SOLDADO EXERCITO DE SINTILNELA COM SEU FUZIL NA COSTA SUA BANDLEIRA AFRENTE COURO PROXIMO GURITA JARDIM NA CALÇADA UM COMO EU VIM TERRA TAMBARDILHO (Rosário *apud* Dantas, 2009, p. 70-71).

Essas palavras de Bispo representam um memorioso ato de recordar, nas cinzas dos "arquivos do silêncio" (Foucault, 1999, p. 140-149), os signos carbonizados da loucura, através de uma "escrita menor" (Deleuze; Guattari, 1977), bordada em ínfimos pedaços de linhas que perfuram e (re)costuram na precariedade dos tecidos manicomiais, as feridas abertas pela razão humana. Como um discurso do desejo, a loucura verteu-se em Bispo. Apocalíptica,

a escatologia de Bispo do Rosário não se encontrava tão distante do imaginário custodial dos profissionais da informação, tão bem condensado na "Memória do mundo" de Italo Calvino (2010, p. 119): "O que você não sabe é o verdadeiro objetivo do nosso trabalho. É para o fim do mundo, Müller. Trabalhamos em vista de um fim próximo da vida na Terra".

A tentativa memorialística de imortalizar-se é traço característico da condição humana. A finitude enquanto horizonte irrevogável da humanidade tem enquadrado a percepção humana ocidental e a conduzido existencialmente pelos processos de organização e sistematização do conhecimento para a "eternização" das evidências. Sob este sentido, Arthur Bispo do Rosário nos diz respeito enquanto domínio do conhecimento. Seu projeto redentor encontrava-se atravessado por uma cultura material, uma espécie (neo)documental fabricadora das existências terranas (Buckland, 1997) para o dia do sabido fim. Em Bispo, o ato de conhecer era uma ação material, uma "representação em miniatura" das formas de vida em sua radicalidade cotidiana (Cabañas, 2018, p. 53). Esse "gesto histórico [da minaturização] do presépio" que atravessa toda a "gestualidade mística do hierofante" cristão (Agamben, 2005, p. 155) reaviva-se no "gesto taxonômico [de Arthur Bispo do Rosário que] está a serviço de uma ordenação que acaba por revelar em seus excessos uma desordem intrínseca, a qual, por sua vez, não reflete senão a impossibilidade de o mundo ser representado como um sistema suficiente e definitivo" (Maciel, 2009, p. 33).

Maculadas pelo pecado original, aos olhos de Bispo, as existências da Terra precisavam que seus lugares e discursos fossem

restituídos, ou seja, (re)classificados para o dia do (re)encontro extramundano com Deus. Em 1967, na Colônia Juliano Moreira (Rio de Janeiro), "durante o isolamento, ele [Arthur Bispo do Rosário] escutou uma voz que o ordenava que representasse toda a vida na terra" (Cabañas, 2018, p. 53). Desta maneira, regido pelo eco das vozes que orquestravam sua subjetividade[6], Bispo passou a classificar e a catalogar toda manifestação humana e não-humana existente para o dia do juízo final. Com o seu olhar voltado para o (in)significante, marcado pelas renovadas privações da linguagem das instituições disciplinares modernas, faltas linguísticas, palavras blasfêmicas, significações intoleráveis e equívocas (Foucault, 1999), Bispo esvaziou de sentido o informar enquanto um acabamento. Não há o que informar em seu fazer, posto que não há obra na matéria da loucura (Foucault, 1999). Inacabada nas ruínas da desrazão, a linguagem do mundo interdito de Bispo instaurou um espaço crítico de questionamento das formas de representação exclusivamente racionais e, com isso, nossos modos epistêmico-informacionais de dar contorno aos nossos mundos são afetados pelos afetos desse Outro, uma alteridade radical, que "não pensa e age como os outros", por ser um "Outro em relação aos outros" (Castro, 2009, p. 273), e que, por sua vez, violentamente marginalizamos e silenciamos em nossas "línguas maiores" (Deleuze; Guattari, 1977).

O "dia depois de amanhã" é o horizonte finalístico almejado por Arthur Bispo do Rosário. E para este destino, no subsolo das memórias do mundo, Bispo bordou o seu grande trabalho: o Manto

[6] "Sou orientado pelas vozes para fazer desta maneira" (Rosário *apud* Cabañas, 2018, p. 48).

da Apresentação, "um inventário do inventário das coisas do mundo" (Morais, 2013, p. 97).

Figura 3 – Manto da Apresentação: frente e verso

Fonte: Coleção Museu Arthur Bispo do Rosário Arte Contemporânea (Dantas, 2009, p. 232).

Como argumentado por Giorgio Agamben (2010, p. 73), "a nudez, em nossa cultura, é inseparável de uma marca teológica". É após o pecado consumado, que Eva e Adão se dão conta de estarem nus. Antes da queda, nos diz Agamben (2010, p. 73), "embora não estivessem cobertos por veste alguma, Adão e Eva não estavam nus: estavam cobertos por uma veste de graça, que aderia aos seus corpos como um trajo glorioso", uma "veste de luz" que o pecado despoja. Em oposição à privação da veste da graça que tornou os corpos humanos "corpos sem glória", o Manto da Apresentação de Bispo do Rosário segue o imaginário da "teologia da veste" do cristianismo popular presente, por exemplo, nas Taieiras de Japaratuba (Sergipe), expressão da cultura popular caracterizada pelas vestes de "talhos" – pedaços de tecidos, retalhos e remendos, que em suas bricolagens costureiras e coloridas recombinam as paisagens das formas e reinventam o mundo através da força das

suas vestes[7]. Os adornos do Manto da Apresentação não têm nada de *nonsense*; ao avesso, há um supra-senso de esplendor e transformação para o dia da beatitude[8], onde cada farrapo e cada retalho será historicamente completo, e do mistério emergirá a palavra.

Na tradição cristã, este "dia" é caracterizado como o novo tempo pós-apocalíptico. Após o dia do juízo final, a alvorada da manhã que se seguirá será "o dia depois de amanhã", o revolucionário dia da apresentação. Em outros termos, o dia da redenção. Algumas tradições revolucionárias reinterpretaram essa caracterização da redenção divina, transformando-a em uma redenção imanente que virá após a derrocada dos regimes autoritários que excluíram por longos séculos o povo do paraíso terrestre (Benjamin, 1987). Portanto, o "dia depois de amanhã" é o utópico tempo libertário das transformações humanas, sejam elas de caráter transcendental ou imanente, e é em vista deste tempo que a "estrutura de informações sobre o mundo material" (Maciel, 2009, p. 35) coligida por Arthur Bispo do Rosário se dirige.

[7] A tradição das Taieiras é uma mistura de ritos nagôs, indígenas e do cristianismo popular brasileiro. No cortejo das Taieiras, a líder, uma menina negra chamada lôxa, atua como uma mãe-de-santo, guiando as casas de culto em direção à Igreja de Nossa Senhora do Rosário. No Dia de Reis, as Taieiras tomam as ruas, acompanhadas por meninos, sobretudo negros, que tocam seus tambores, zabumbas, trombetas, pandeiros, apitos, chocalhos, para que as entidades abençoem a rainha negra que será empossada na festa católica, com o padre coroando-a com a coroa de prata de Nossa Senhora do Rosário, e a multidão a cantar: "entramos por essa casa santa, por aquela casa santa, *orô omi má, orô omi má Iyó*". Os estandartes tão caros à obra de Bispo, sob a cintalação do Sol nordestino, anunciam a chegada da boa nova (Campos, 2016).

[8] "Monumental tarefa: inventariar o universo para apresentá-lo diante de Deus 'no dia próximo'. Ele aguarda uma 'ação corporal' que o deixará 'brilhoso', então estará pronto; e diz que os seus trabalhos permitirão a sua transformação. Não posso deixar de pensar que Bispo se prepara para a morte" (Burrowes, 1999, p. 68).

3 "CUIDADO VENENO": O *PHÁRMAKON* DE ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO PARA A ORGANIZAÇÃO REDENTORA DO CONHECIMENTO (ORC)

> [...] uma pequena mancha, isto é, uma nódoa (*macula*), marcava em fundo de pano, para todo o diálogo, a cena desta virgem precipitada no abismo, surpreendida pela morte ao brincar com Farmacéia. Farmacéia (*Pharmákeia*) é também um nome comum que significa a administração do *phármakon*, da droga: do remédio e/ou do veneno. [...] Sócrates compara a uma droga (*phármakon*) os textos escritos que Fedro trouxe consigo. Esse *phármakon*, essa 'medicina', esse filtro, ao mesmo tempo remédio e veneno, já se introduz no corpo do discurso com toda sua ambivalência. Esse encanto, essa virtude de fascinação, essa potência de feitiço podem ser, alternada ou simultaneamente, benéficas e maléficas.
>
> Jacques Derrida (2005, p. 14).

O *phármakon* de Bispo do Rosário é o seu inventário do mundo, uma escritura marcada pela bondade divina da sua geração e pela degeneração perniciosa do humano. Desde os gregos, como mostrou Derrida (2005), o *phármakon* foi talhado por esta ambiguidade constitutiva da condição humana: veneno e cura, bem e mal. Colhido na mistura (*summeíkton*) e nos descaminhos do *lógos*, o *phármakon* foi também associado às *manías* e a *hybris*, excessos associados à condição da loucura (*alogia*) desde o mundo grego (Derrida, 2005, p. 46). Foucault (1999, p. 193) revisitará a trilogia grega *manía, hybris* e *alogia*, ao argumentar como a vontade repressiva de fixar um limite ao discurso para a trama do sentido único, reduziu essas "virtudes" ao silêncio e aos interditos da linguagem.

Marcado pela nódoa da loucura, Arthur Bispo do Rosário era um *pharmakéus*, um fabricador de *phármakons* destinados à *hypómnésis*, a rememoração e a consignação última com o divino: uma questão de vida e de morte (Derrida, 2005, p. 52). O louco

desejo de Bispo é atravessado por esta ambiguidade humana de negatividade e afirmatividade, rendição e revolta entre o(s) deus(es) e o(s) humano(s).

Depois da noite de 22 de dezembro de 1938, Bispo dedicou-se, até a morte, a fabricar *phármakons* com os despojos do mundo: restos, talhos de tecidos, parafusos, colheres, sapatos velhos, *et cétera* – a vida para além do espetáculo. Bispo fez dos resíduos profanos da sociedade de consumo, a sua matéria-prima. Fabricou mais de 1000 obras, com a crença mística de restituir ao reino inclassificável de Deus todo material existente no mundo, como observado, por exemplo, em sua obra "Atenção: veneno".

Figura 4 – "Atenção: Veneno": o inventário do mundo de Bispo do Rosário

Fonte: Coleção Museu Bispo do Rosário de Arte Contemporânea (Durão, 2017, p. 329).

O ato de organizar o conhecimento presente acima revela um processo de classificação e construção notacional, assim como de descrições catalográficas, que representam um inventário da vida

material, da vida marginal em sociedade, dos seus saberes e objetos cotidianos, que não seguem a lógica hierárquica, a exclusividade mútua e a teleologia das classificações ocidentais (Olson, 1999).

Perante o seu desejo escatológico, a episteme das notações em Bispo, os números atribuídos às coisas decaídas do mundo, eram notações redentoras e interditas, isto é, não tinham como nas classificações científicas (Bacon), bibliográficas (Dewey) e documentárias (Otlet), a finalidade de assinalar um lugar lógico e empírico de disposição do conhecimento e guarda de materiais no mundo ou nas instituições seculares. A aspiração de Bispo do Rosário era, através do silêncio dos números notacionais, redimir as coisas e notificar os seus respectivos lugares na "Cidade de Deus". Nas palavras de Marta Dantas (2009, p. 156): "no caso de Bispo, a etiqueta é mais do que mero exercício da linguagem, mais do que uma redundância, é um método de catalogação; o número faz parte da ordem oculta estabelecida pelo criador na organização de seu cosmo". Construindo seus fichários e índices enumerativos, tarefa típica da Organização do Conhecimento (Hjørland, 2008), Arthur Bispo do Rosário visava recuperar os objetos e despertar os seus modos de realização no Novo Mundo. Deslocando os significados do ato de classificar, reclassificava e reordenava informacionalmente os modos de existências para o seu fim.

Os procedimentos enciclopédicos e epistêmicos de inventariamento de Bispo fabricaram um "Teatro da Memória" nunca efetivamente concluído, afinal, todo desejo é um produtor de faltas. A classificação do artista sergipano representava o seu cotidiano privativo na Colônia Juliano Moreira: "Bispo preferia ficar no abrigo,

encaixado em seu universo privativo de cores e tons, à espera da morte. Uma morte que para ele seria dialeticamente a vida, a validação de seu outro mundo" (Hidalgo 2011, p. 134). Bispo bordou as desimportâncias do mundo em suas ruínas desencantadas visando apresentá-las a Deus. O guia da arca do inventário do mundo estava sendo bordado para as rendas pós-apocalípticas do amanhã, quando o Novo Mundo se abrisse "sem treva, planalto ou precipício, sem doença mental, miséria ou tristeza" (Hidalgo, 2011, p. 20). Deste modo, seguindo procedimentos enciclopédicos de reunião de coisas e saberes profanos (Maciel, 2009), Bispo catalogou e classificou as coisas do mundo em fichários para restituí-las ao Reino dos Céus, em um gesto epistêmico historicamente válido, o mesmo de Francis Bacon (Hirata, 2023), por exemplo.

A classificação antissistemática apresentada em "Atenção: Veneno" possui, talvez, uma mensagem oculta de "veneno" em seu duplo sentido de *phármakon*: o veneno que nos levará ao ocaso, a morte, em Bispo, é também aquele que porta consigo a "cura", o Reino dos Céus, uma (super)vida redimida em um mundo sacro e livre de sofrimentos pecaminosos. A droga que devasta e, ao mesmo tempo, acalma o alienado Arthur Bispo na Colônia Juliano Moreira é um veneno remédio, um fármaco que possui o poder de retirar as impurezas e guiar ao tão aguardado momento da passagem. Aos nossos olhos, essa função farmacêutica apresenta-se sob o fundo escritural do inventário do mundo de Bispo do Rosário.

4 CONCLUSÃO: A REDENÇÃO COMO FIM

> Mas uma coisa permanecerá: a relação do homem com seus fantasmas, com seu impossível, com sua dor sem corpo, com

> sua carcaça da noite; uma vez posto fora de circuito o patológico, a sombria pertença do homem à loucura será a memória sem idade de um mal apagado em sua forma de doença, mas obstinando-se como desgraça. Para dizer a verdade, essa ideia supõe inalterável o que, sem dúvida, é o mais precário, muito mais precário do que as constâncias do patológico: a relação de uma cultura com aquilo mesmo que ela exclui, e mais precisamente a relação da nossa com essa verdade de si mesma, longínqua e inversa, que ela descobre e recobre na folia.
>
> Michel Foucault (1999, p. 191).

Associada à loucura da alienação e à desconformidade com os parâmetros epistêmicos materiais das belas-artes, o trabalho de Bispo do Rosário foi construído a partir de técnicas e materiais desprezados pelas belas-artes: "Bispo não desenhou, não pintou nem esculpiu. Nenhuma dessas atividades expressivas tradicionais das 'belas artes' foi utilizada por ele" (Dantas, 2009, p. 112). Marginal, teceu através de bordados uma estória menor da estética da existência. Essa é a poética do delírio classificatório presente em Bispo: um desejo de salvação do pequeno.

Fora dos lugares referenciais (sentido e cultura) e veiculares (burocráticos) da língua maior (Deleuze; Guattari, 1977), Bispo do Rosário associou-se à uma versão antissistemática e dissidente da classificação. Alienou-se da linguagem lógica e racional da tradição das classificações (Simões, 2011, p. 38-47), para na esperança do reencontro com a língua mítica, apresentar-lhe o "inventário do mundo" para a redenção dos conhecimentos mundanos, decaídos diante da mácula original da condição humana.

Em um sentido amplo, podemos interpretar o ato de classificar e a atitude antissistemática da classificação de Arthur Bispo do Rosário como um exemplo do que Hjørland (2008, p. 86) chamou de

"Organização Social do Conhecimento". Como o elemento "social" categoriza um horizonte conjuntivo quase infindo de possibilidades interpretativas e, em especial, as relações de sociabilidade com o mundo erigidas por Bispo encontravam-se diretamente atravessadas pelos valores salvíficos da "redenção", optamos por denominar a configuração pragmático-teológica de Bispo de Organização Redentora do Conhecimento (ORC).

O ato de conhecer em Bispo é caracterizado como uma ação de reorientação para o fim do mundo, ou seja, para uma instância metafísica que virá. O elemento místico é o caracterizador da sua classificação, logo, por exemplo, a correspondência entre os lugares (de guarda) e os discursos (codificados) não estará regida pelo princípio da precisão, posto que a sua classificação projeta para o objeto um lugar transcendental no Reino dos Céus, portanto, um local simbólico, impreciso e metafísico. Não há nenhuma tabela sistemática ou analítica no rosário de Bispo que faça a correspondência entre as notações e as descrições dos objetos, pois a ordem entre ambos é divina e nos escapa enquanto mortais.

Dessa forma, Arthur Bispo do Rosário "compôs uma espécie de enciclopédia particular, ao mesmo tempo afinada com a existência da ordem e aberta à criatividade da memória e da imaginação" (Maciel, 2009, p. 32). Através da sua enciclopédia particular, inventariou o mundo profano dos mortais para (re)estabelecer misticamente um lugar para os objetos, pessoas e gestos humanos no Reino dos Céus. Por meio de uma subjetividade disruptiva, desafiou os sistemas de classificação presentes no mundo conscienciosa da ciência. A Organização Redentora do Conhecimento

para o fim do mundo erigida por Arthur Bispo do Rosário é, em sentido etimológico originário, religiosa, pois visa re-ligar (*relegere*) o mundo dos mortais ao Reino dos Céus em uma re-leitura (*relegere*) epistêmica interdita e dissidente.

Portanto, a classificação de Arthur Bispo do Rosário estava endereçada a Deus, destinada à apresentação no Reino dos Céus após o dia o juízo final. Suas notações indicavam o lugar de cada coisa, pessoa ou gesto ao lado do Salvador. Pronto e vestido com o manto da graça, Bispo do Rosário restituiria as coisas aos seus valores de uso original, antes da queda adâmica. Em seu encontro com a morte, não estaria em cena o fim definitivo, mas o marco para a verdadeira vida que então se iniciava, após uma estadia de provações e sofrimentos causados pela malícia humana.

Nas palavras de Foucault (1999, p. 190-198), a loucura como ausência de obra é a condição de possibilidade de toda obra, lógica que influenciou Sueli Carneiro (2023) a dizer, no contexto dos dispositivos de racialidade, que o não-ser é o fundamento do ser. Seguindo esta tradição onto-epistêmica, hipoteticamente supomos nesse texto que o informe (*informis*) é uma força germinante de todo ato de informar (*informo*). Sob este sentido, o ato classificatório de Arthur Bispo do Rosário pode ser lido como uma força epistêmica de transformação para os estudos informacionais. Um delírio do verbo informar.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Fábula e história: considerações sobre o presépio. *In*: AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**: destruição

da experiência e origem da história. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2005. p. 151-158.

AGAMBEN, Giorgio. Nudez. *In*: AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Lisboa: Relógio D'Água, 2010. p. 71-105.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BUCKLAND, Michael K. What is a "document"? **Journal of the American Society of Information Science**, Nova Iorque, v. 48, n. 9, p. 804-809, 1997.

BURROWES, Patrícia. **O universo segundo Arthur Bispo do Rosário**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

CABAÑAS, Kaira Marie. A contemporaneidade de Bispo. **ARS**, São Paulo, v. 16, n. 32, p. 47-80, 2018.

CALVINO, Italo. A memória do mundo. *In*: CALVINO, Italo. **Um general na biblioteca**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 118-124.

CAMPOS, Marcelo (org.). **Um canto, dois sertões**: Bispo do Rosário e os 90 anos da Colônia Juliano Moreira. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2016.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. São Paulo: Zahar, 2023.

CASTRO, Edgardo. Loucura. *In*: CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2009. p. 258-287.

DAHLBERG, Ingetraut. Knowledge Organization: a new science? **Knowledge Organization**, Baden-Baden, v. 33, n. 1, p. 11-19, 2006.

DAHLBERG, Ingetraut. Knowledge Organization: its scope and possibilities. **Knowledge Organization**, Baden-Baden, v. 20, n. 4, p. 211-222, 1993.

DANTAS, Marta. **Arthur Bispo do Rosário**: a poética do delírio. São Paulo: Unesp, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do Subsolo**. 6. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

DURÃO, Fabio Akcelrud. Arthur Bispo do Rosário: a artimanha da arte brasileira. **Revista Versalete**, Curitiba, v. 5, n. 9, 2017.

FOUCAULT, Michel. A loucura, a ausência da obra. *In:* FOUCAULT, Michel. **Problematização do sujeito:** Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. p. 190-198.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. *In:* FOUCAULT, Michel. **Estratégia, Poder-Saber**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 203-222.

FOUCAULT, Michel. Prefácio (*Folie et déraison*). *In:* FOUCAULT, Michel. **Problematização do sujeito:** Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. p. 140-148.

GOODY, Jack. **A domesticação da mente selvagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HIDALGO, Luciana. **Arthur Bispo do Rosário**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

HIRATA, Celi. Francis Bacon e a imagem do livro da natureza. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 46, n. 4, p. 75-98, 2023.

HJØRLAND, Birger. What is Knowledge Organization (KO)? **Knowledge Organization**, Baden-Baden, v. 35, n. 2-3, p. 86-101, 2008.

MACIEL, Maria Esther. A ordenação do mundo: Arthur Bispo do Rosário e os enciclopedistas. *In:* MACIEL, Maria Esther. **As ironias**

da ordem: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009. p. 32-43.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MORAIS, Frederico. **Arthur Bispo do Rosário**: arte além da loucura. Rio de Janeiro: NAU, 2013.

MURAT, Laure. **O homem que se achava Napoleão**: por uma história política da loucura. São Paulo: Três Estrelas, 2012

MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL. **Dossiê Arthur Bispo do Rosário**. [*S.l.*], 2025. Disponível em: https://acervo.margs.rs.gov.br/dossies-de-artistas/dossie-arthur-bispo-do-rosario/. Acesso em: 24 maio 2025.

OLSON, Hope A. Exclusivity, teleology and hierarchy: our Aristotelean legacy. **Knowledge Organization**, Baden-Baden, v. 26, n. 2, p. 65-73, 1999.

OTLET, Paul. **Tratado de Documentação**: o livro sobre o livro: teoria e prática. Brasília: Briquet de Lemos, 2018.

PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. A lei do desejo e o desejo produtivo: transgressão da ordem ou afirmação da diferença? **Physis**: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 109-127, 2004.

SIMÕES, Maria da Graça. **Classificações bibliográficas**: percurso de uma teoria. Coimbra: Almedina, 2011.

WRIGHT, Alex. **Cataloging the world:** Paul Otlet and the birth of the information age. New York: Oxford University Press, 2014.

LICENÇA DE USO
Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

PUBLISHER
Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EQUIPE EDITORIAL
Martha Suzana Cabral Nunes, Maria Cleide Rodrigues Bernardino, Franciéle Carneiro Garcês-da-Silva.

COMO CITAR

MENEZES, Vinícios Souza de; BIANO, Pollyana dos Santos. Ecos de uma episteme interdita: Arthur Bispo do Rosário e a organização redentora do conhecimento – um louco desejo. **Tendências da Pesquisa Brasileira e Ciência da Informação**, São Paulo, v. 19, p. 1-25, jan./jun. 2026.